

A ILUSTRE CASA DE RAMIRES
ANÁLISE DE VARIANTES (1895 – 1900)

Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)
profandermarins@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Ilustre Casa de Ramires é considerado, inquestionavelmente, um dos romances mais importantes do escritor português Eça de Queirós, reflexo de muito trabalho e almejo pela perfeição, características peculiares da escrita queirosiana. Nessa obra existem diferenças entre as edições que confrontaremos a fim de apontar as variantes. Serão comparados dois fragmentos do início do capítulo VI, pertencentes a duas edições da obra *A Ilustre Casa de Ramires*: a de 1900, que será o texto-base, e a de 1895, que corresponde à edição da revista *A Arte*. As duas versões reproduzidas neste trabalho foram extraídas da Edição Crítica de Elena Losada Soler (1999).

1. Os textos cotejados

De acordo com a Edição de Elena Losada (*ibidem*, p. 27-28) a versão de *A Ilustre Casa de Ramires* de 1900 foi publicada no Porto pela Livraria Chardron de Lello & Irmãos, sucessores de Luga & Geneliox, os editores de Eça. O texto, composto por 543 páginas, aparece dividido em XII capítulos de tamanho desigual, oscila entre as 86 páginas do capítulo V e as 24 do capítulo XII, sendo a extensão mais frequente de umas 45 a 49 páginas.

Quanto à edição da revista *A Arte* sabe-se que Eça de Queirós colaborou com um fragmento d'*A Ilustre Casa de Ramires* no primeiro número da revista. Ele ocupa metade da página 9 e toda a página 10 do número 1 (1895). Nesse fragmento narra-se o primeiro reencontro entre Gonçalo Mendes Ramires e André Cavaleiro.

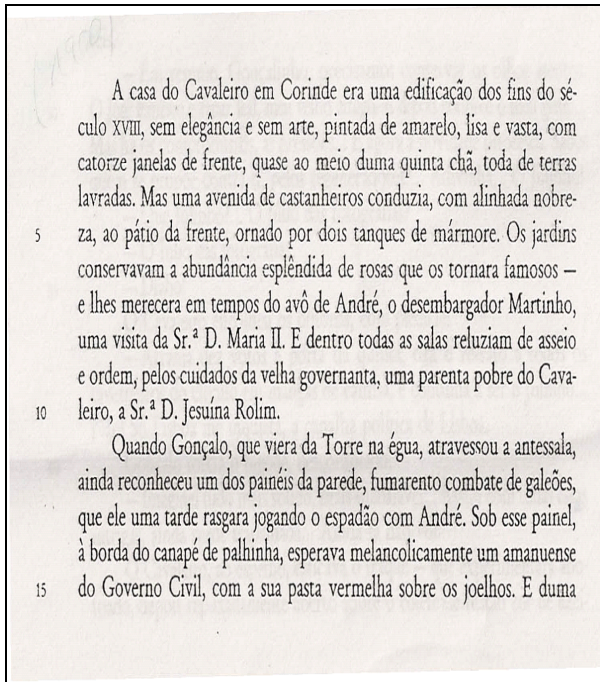
As diferenças consideradas mais importantes que apresenta *A Arte* situam-se em três níveis: substituições antroponímicas e topónímicas, inexistência do passeio ao jardim na quinta entre o encontro no quarto de André e o almoço na sala de jantar.

2. Breve análise de duas versões

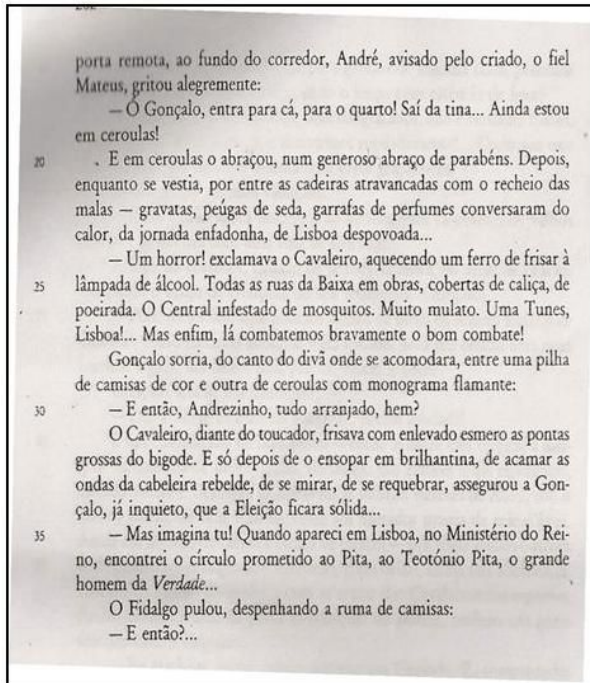
Os fragmentos das edições serão apresentados de maneira que os da revista *A Arte* ficarão com a letra **B**, e sua edição estará em anexo neste trabalho sendo, portanto, desnecessária a transcrição integral dos fragmentos cotejados.

Os símbolos §, [...] e] serão utilizados, respectivamente, para indicar mudança de parágrafo, evitar reprodução dos fragmentos integrais das edições comparadas e para separar as diferentes versões.

Para cada trecho haverá, no início, a primeira e a última linha, por exemplo, “**1-19**”, mostrando que serão comparadas as variantes da linha 1 a 19 do texto-base com as da outra edição.



1 – 19: A casa do Cavaleiro [...] em ceroulas! **B:** No domingo cedo [...] em ceroulas.



20: E em ceroulas o abraçou, num generoso abraço de parabéns.] **B:** Em ceroulas lhe deu o grande abraço de parabéns.

20 – 45: Depois, enquanto [...] me demito, e arde Tróia!...>>] **B:** E foi procurando [...] ou me demito”.

40 E então ele mostrara muito asperamente ao José Ernesto a inconveniência de dispor do círculo como dum charuto, sem o consultar, a ele Governador Civil — e dono do círculo... E como o José Ernesto se arrebentava, aludia à conveniência superior do Governo, ele logo, estendendo o dedo firme: — «Pois Zezinho, flor, ou trago o Ramires por Vila Clara, ou me demito, e arde Tróia!...» Espantos, escarcéus, berreiros — mas o José Ernesto cedera, e tudo findou jantando ambos em Algés com o tio Reis Gomes, onde à noite, ao «bluff», as senhoras lhe arrancaram catorze mil réis.

— Em resumo, Gonçalinho, precisamos conservar os olhos atentos. 50 O José Ernesto é rapaz leal, meu velho amigo. E depois conhece o meu génio... Mas há os compromissos, as pressões... E agora a novidade pitoresca. Sabes quem se propõe contra ti, pelos regeneradores?... Adivinha... O Juliinho!

— Que Juliinho?... O Júlio das fotografias?

— O Júlio das fotografias.

55 — Diabo!

O Cavaleiro encolheu os ombros, com piedade:

— Arranja dez votos à porta da quinta, tira o retrato a todos os taverneiros do círculo em mangas de camisa, e continua a ser o Juliinho... Não! Só Lisboa me inquieta, a canalha política de Lisboa.

60 Gonçalo torcia o bigode, desconsolado:

— Imaginei tudo mais sólido, mais inabalável... Assim com todas essas intrigas, ainda surge trapalhada... Ainda lá não vou!

O Cavaleiro, ao espelho, esticava o fraque — que experimentara abotoado, depois repuxadamente aberto sobre o colete de fustão cor de azei-

45 – 68: me demito, [...] sossega e, almocemos regaladamente!...] **B:** me demito [...] Então sossega, e dorme.

65 tona onde, no trespasse largo, tufava a gravata de sedinha clara, prendida por uma safira. Por fim, encharcando o lenço com essência de feno:

— Nós estamos bem aliados, bem congraçados, não é verdade? Então, meu caro Gonçalo, sossega, e almoçemos regaladamente!... Creio que este fraque do nosso Amieiro assenta com certa graça, hem?

70 — Magnífico! afirmou Gonçalo.

— Bem. Então agora descemos ao jardim, para tu reveres os velhos poisos e te florires com uma rosa de Corinde.

E logo no corredor, ornado de jarrões da Índia, de arcas de charão, enlaçando o braço de Gonçalo, do seu recuperado Gonçalo:

75 — Pois, meu filho, aqui pisamos ambos de novo os nobres soalhos de Corinde, como há cinco anos... E nada mudou, nem um criado nem uma cortina! Agora, um destes dias, preciso visitar a Torre.

Gonçalo acudiu ingenuamente:

— Oh! a Torre está muito mudada... Muito mudada!

80 E um embaraçado silêncio pesou — como se entre eles surgisse a imagem entristecida da antiga quinta, no tempo dos amores e das esperanças, quando André e Gracinha procuravam as últimas violetas de Abril, sob o sorriso tutelar de Miss Rhodes, rente aos húmidos muros da mãe-d'água. Ainda em silêncio desceram a escada de caracol — por onde ambos outrora se despenhavam cavalgando o corrimão. E em baixo, numa sala abobadada, rodeada de bancos de madeira com as armas dos Cavaleiros nas espaldas, André ficou diante da porta envidraçada do jardim, ondeou um gesto desconsolado e lânguido:

85 — Eu também, agora, pouco apareço em Corinde. E, compreendes bem, que não me retêm em Oliveira os cuidados da Administração... Mas

68 – 70: sossega e, [...] graça, hem?] **B:** sossega, e dorme.

70 – 224: - Magnífico! afirmou Gonçalo. [...] - <<E então esse Gonçalo Mendes Ramires não me manda o romance?>>] **B:** A criada, uma bela rapariga, [...] - “Então aquele Ramires não me manda o romance?”

este casarão arrefeceu, alargou, desde a morte da mamã. Ando aqui como perdido. E acredita, quando cá me demoro, são uns passeios tristonhos por esses jardins, pela Rua Grande... Ainda te lembras da Rua Grande?... Vou envelhecendo muito solitariamente, meu Gonçalo!

95 Gonçalo murmurou, por concordância, simpatia renovada:

— Eu também me aborreço na Torre...

— Mas tens outro génio!... E eu realmente sou um elegíaco.

Correu, com um esforço, o fecho perro da porta envidraçada. E limpando os dedos ao lenço perfumado:

100 — Eu creio que Corinde, agora, só me encantava com grandes cerros escavados, grandes rochedos agrestes... Às vezes, cá dentro da alma, necessito o ermo de S. Bruno...

Gonçalo sorria daquele apetite ascético, murmurado com preciosidade, através da bigodeira torcida a ferro, resplandecente de brilhantina. E no terraço, junto à balaustrada de pedra enramada de hera, galhofou louvando o areado alinho, o reluzente viço do jardim:

— Com efeito, para um discípulo de S. Bruno, que escândalo todo este asseio! Mas para um pecador como eu, que delícia!... O jardim da Torre anda um chavascal.

110 — A prima Jesuína gosta de flores. Tu não conheces a prima Jesuína? Uma velha parenta da mamã, que governa agora a casa. Coitada! e com um escrúpulo, com um amor... Se não fosse a santa criatura, os porcos foçavam nos canteiros... Meu filho, onde não há saia, não há ordem!

115 Desceram a escadaria redonda, por entre os vasos de louça azul que transbordavam de gerânios, de sécias, de canas-da-índia. Gonçalo recordou a véspera de S. João em que rolara por aqueles degraus, num trambolhão tremendo, com os braços carregados de foguetes. E lentamente, através do

jardim, evocavam memórias da camaradagem antiga. Lá se conservava o trapézio, dos tempos em que ambos cultivavam a religião heróica da força, da ginástica, do banho frio... Naquele banco, sob a magnólia, lera uma
 120 tarde André o primeiro canto do seu poema, *O Fronteiro de Arzila*. E o alvo? O alvo onde se exerciam à pistola, para os futuros duelos, inevitáveis na campanha que ambos meditavam contra o velho Sindicato Constitucional?... — Oh! toda essa parte do muro, que pegava com o lavadouro, fora
 125 derrubada depois da morte da mamã, para alargar a estufa...

— De resto o alvo era inútil! acrescentou o Cavaleiro. Eu logo por esse tempo entrei também no Sindicato... E agora entras tu, pela porta que eu te abro!

Então Gonçalo, que colhera e esmagava entre os dedos, para lhe sorver o perfume, folhas de lúcia-lima, acudiu com uma franqueza, que aquele
 130 desenterrar de recordações tornava mais penetrante e sentida:

— E eu desejo entrar, e ardentemente, bem sabes. Mas tu afianças a Eleição, com segurança? Não surgirá dificuldade, Andrezinho?... Esse Pita é um hábil!

135 O Cavaleiro murmurou apenas, mergulhando os dedos nas cavas do colete:

— Da habilidade dos Pitas se ri a força dos Cavaleiros...

Por três degraus de tijolo baixaram ao outro jardim, desafojado de arvoredo e sombra, onde desabrochava desde Maio, com esplendor, o tão
 140 celebrado bosque de roseiras, orgulho da quinta de Corinde, que deleitara uma rainha. Aquele fácil desdém pelo Pita confirmava a segurança da Eleição. Gonçalo, caminhando respeitosamente como num museu, regou de louvores deslumbrados as rosas do Cavaleiro:

— Uma beleza, André, uma maravilha! Tens aqui rosas sublimes...
 145 Aquelas repollhudas, além, que luxo! E estas amarelas? Deliciosas!... Olha

este encanto! O ruborzinho a surdir, a raiar, do fundo das pétalas brancas... Oh, que escarlate! Oh, que divino escarlate!

O Cavaleiro cruzara os braços, com gracejadora melancolia:

150 – Pois vê tu! Tal é a minha solidão social e sentimental que, com todas estas rosas abertas, não tenho a quem mandar um ramo!... Estou reduzido a florir as Lousadas!

Um escarlate, mais vivo do que as rosas que gabava, cobriu as faces do Fidalgo:

– As Lousadas! Oh que desavergonhadas!

155 André atirou ao seu amigo os lustrosos olhos, num inquieto reparo de curiosidade:

– Porquê?... Desavergonhadas, porquê?

– Porquê? Porque o são! Pela sua natureza, e pela vontade de Deus!... São desavergonhadas como estas rosas são vermelhas.

160 E o Cavaleiro, tranquilizado:

– Ah, genericamente... Com efeito têm imensa peçonha. Por isso eu as cubro de rosas. E em Oliveira, todas as semanas, meu filho, tomo com elas um chá respeitoso!

– Pois não as amansas – rosou o Fidalgo.

165 Mas o Mateus aparecera nos degraus de tijolo com o guardanapo na mão, a calva rebrilhando ao sol. Era o almoço. O Cavaleiro colheu para Gonçalo uma «rosa triunfal» – e para si um «botão inocente...» E, enflorados, subiam para o terraço entre o brilho e o perfume de outras roseiras – quando o Cavaleiro parou com uma ideia:

170 – A que horas vais tu para Oliveira, Gonçalinho?

O Fidalgo hesitou. Para Oliveira?... Não tencionava aparecer em Oliveira, toda essa semana...

– Porquê? É urgente que vá a Oliveira?

175 – Pois certamente, filho! Amanhã mesmo precisamos conversar com o Barrolo, combinarmos, por causa dos votos da *Murtosa!*... Meu querido Gonçalo, não podemos adormecer. Não é pelo Júlio, é pelo Pita!

– Bem! bem! acudiu logo Gonçalo, assustado. Parto para Oliveira.

180 – Porque então, continuava André, vamos ambos logo, a cavalo. É um bonito passeio pelos Freixos, sempre com sombra... Tens talvez de mandar à Torre, por causa de roupa...

Não! Gonçalo, para evitar a importunidade de malas, conservava nos Cunhais um bragal inteiro, desde a chinela até à casaca. E entrava em Oliveira como o filósofo Bias em Atenas – com uma simples bengala e paciência infinita...

185 – Delicioso! declarou André. Fazemos então logo a nossa entrada oficial em Oliveira. É o começo da campanha.

O Fidalgo torcia o bigode, consternado, pensando nos risinhos perversos das Lousadas, de toda a cidade, perante uma entrada tão aparatosamente fraternal. E, quando o Cavaleiro recomendou ao Mateus que mandasse aprontar o *Rossilho* e a égua do Fidalgo para as quatro horas e meia, Gonçalo exagerou o seu receio do calor, da poeira. Antes partissem 190 às sete, pela fresca! (Assim esperava penetrar em Oliveira despercebidamente, esbatido no crepúsculo.) Mas André protestou:

195 – Não, é uma seca, chegamos à noite. Precisamos entrar com solenidade, à hora da música no Terreiro... Às cinco, hem?

E Gonçalo, vergando os ombros sob a fatalidade:

– Pois sim, às cinco.

Na sala de jantar, esteirada, com denegridos painéis de flores e frutas sobre um papel vermelho imitando damasco, André ocupou a veneranda

200 cadeira de braços do avô Martinho. O brilho das pratas, a frescura das rosas numa floreira de Saxe, revelavam os desvelos da prima Jesuína — que, com dor de entranhas nessa manhã, não se vestira, almoçava no quarto. Gonçalo louvou aquela elegante ordem, tão rara numa casa de solteirão, lamentando a falta duma prima Jesuína na Torre... E André sorria
205 deliciosamente, desdobrando o guardanapo, com a esperança que Gonçalo contasse aos Barros o confortável luxo de Corinde. Depois, picando com o garfo uma azeitona:

— Pois é verdade, meu querido Gonçalo, lá estive nessa grande capital, depois um dia em Sintra...

210 O Mateus entreabriu a porta para recordar a S. Ex.^a o amanuense do Governo Civil, que esperava.

— Pois que espere! gritou S. Ex.^a

Gonçalo lembrou que talvez o digno homem se impacientasse, com fome...

215 — Pois que almoce! gritou S. Ex.^a

Aquele seco desprezo de André pelo pobre empregado, esquecido no banco de entrada, com a sua pasta sobre os joelhos — constrangia o Fidalgo. E espetando também uma azeitona:

— Dizias então, Sintra...

220 — Sensabor, resumiu André. Poeirada horrenda, femeação medíocre... E já me esquecia. Sabes quem lá encontrei, na estrada de Colares? O Castanheiro, o nosso Castanheiro, o dos *Anais*, de chapéu alto. Ergueu logo os braços ao céu, desolado: — «E então esse Gonçalo Mendes Ramires não me manda o romance?» Parece que o primeiro número da revista sai em Dezembro, e ele precisa o original em começos de Outubro... Lá me
225 suplicou que te sacudisse, que te recordasse a glória dos Ramires. E tu devias acabar a *Novela*... Até convém que, antes de entrares na Câmara, apareça um trabalho teu, um trabalho sério, de erudição forte, bem português...

224 – 229: Parece que o primeiro número da revista sai em Dezembro, [...] um trabalho sério, de erudição forte, bem português...] **B:** - Diz que o primeiro número da *Revista* sai a quinze de Outubro, [...] um trabalho sério, histórico.

230 — Pois convém! concordou vivamente Gonçalo. E à Novela só falta o capítulo quarto. Mas esse justamente demanda mais preparação, mais pesquisas... Para o acabar precisava o espírito bem sossegado, a certeza desta infernal Eleição... Não é o animal do Júlio que me inquieta. Mas a canalha intrigante de Lisboa... Que te parece?

235 Cavaleiro riu, estendendo de novo o garfo para as azeitonas:

— Que me parece, Gonçalinho? Que estás como uma criança pequena, aflita, com medo que te não chegue o prato de arroz-doce. Sossega, menino, apanhas o teu arroz-doce!... Mas com efeito, encontrei o José Ernesto muito teimoso. Já existiam compromissos antigos com o Pita. *A Verdade* tem sido furiosamente ministerial... E esse Pita, agora quando souber que lhe tapei Vila Clara, arde em furor contra mim. O que me é soberanamente indiferente; colerazinhas ou piadinhas do Pita, não me tiram o apetite... Mas o José Ernesto admira o Pita, necessita do Pita, está empenhado em pagar ao Pita com um círculo... Ainda no último dia me disse na Secretaria, até lhe achei graça: — «Eu vejo que os deputados por Vila Clara morrem; ora se, por esse bom costume, o teu Ramires morrer em breve, então entra o Pita.»

Gonçalo recuou a cadeira:

— Se eu morrer!... Que animal!

240 — Oh, se morreres para o círculo! atalhou o Cavaleiro rindo. Por exemplo, se nos zangássemos, se amanhã entre nós surgisse uma dissidência... Enfim o impossível!

230 – 234: - Pois convém! concordou vivamente Gonçalo. E à Novela só falta o capítulo quarto. [...] Que te parece?) **B:** - Está quase pronto, disse o Fidalgo da Torre que se servia outra vez de arroz. § Falta o Capítulo IV, que é o último. [...] perfeitamente segura.

235 - 245: Cavaleiro riu, [...] até lhe achei graça:] **B:** O Cavaleiro enchia devagar o copo, [...] até lhe achei graça:

245 - 247: - <<Eu vejo que [...] o teu Ramires morrer em breve, então entra o Pita.>>] **B:** - “Eu vejo [...] o teu Ramires morrer, então é o Bento, e não outro...”

248: Gonçalo recuou a cadeira:] **B:** O Fidalgo da Torre recuara a cadeira!

249 – 252: - Se eu morrer!... [...] Enfim o impossível!] **B:** - Se eu morrer!... [...] Nesse caso era o Bento.

3. Conclusão

Este artigo, distante da longa tarefa que seria uma verdadeira edição crítica, teve como objetivo central analisar uma das produções literárias de Eça de Queirós por meio do cotejo de duas versões. Assim, pode-se comprovar que uma das características habituais do trabalho de Eça são as substituições, transformações e depurações estilísticas.

BIBLIOGRAFIA

DUARTE, Lélia Parreira. *A lúdica complexidade de A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queirós*. Disponível em:

<<http://www.ich.pucminas.br/posletras/publicacoes.htm>>. Acesso em: 02/05/2010.

FERREIRA, Juliana Casarotti. *Eça de Queirós: um gênio da literatura mundial*. Disponível em:

<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista7/pdf/10_eca_de_queiroz.pdf> Acesso em: 27 fev. 2010.

LOUREIRO, Roberto. *A trilogia do último Eça*. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num8/dossie/Dossie_RobertoLoureiro.pdf> Acesso em: 27 fev. 2010.

MARINS, Ânderson Rodrigues. *Crítica Textual: Compromisso com a Preservação e Transmissão Fiel dos Textos*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/iiijnlflp>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. Edição crítica de Elena Losada Soler. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999.

ANEXOS

1. O FRAGMENTO DE *A ARTE*

A ARTE, nº 1, vol. 1, Porto, 1895, p.p. 9-10

Dirigida por Albano Alves.

Redacção e Administração: Livraria Luso-Brasileira, 22, Rua dos Caldeiros, Porto.

A Ilustre Casa de Ramires

(Excerto de um livro inédito)

No domingo cedo estava eu em Carnide, no "solar" dos Cavaleiros — que era um velho casarão, pintado de amarelo, no meio de campos arrendados, onde as sementeiras tinham invadido os antigos jardins, tão cheirosos de alfazema e rosa no tempo de D. Teresa. Mas havia ainda algumas belas arcas, entalhadas, umas alabardas ferrugentas nas paredes, — e o quarto do Luís tinha reposteiros de damasco vermelho.

Acabava ele de sair do banho, quando o Fidalgo da Torre que viera na sua velha égua, a *Tormenta*, se apeou ao portão. Na antecâmara já estava esperando, um amanuense do Governo Civil com uma pasta vermelha nos joelhos. E o Governador Civil, do fundo do corredor, gritou alegremente a Gonçalo Mendes Ramires:

— Entra para cá, que estou em ceroulas.

Em ceroulas lhe deu o grande abraço de parabéns. E foi procurando o fato, na mala aberta, que lhe contou "que não se arranjava o negócio sem dificuldades!" O João Vasco desde que o círculo vagara, pensara logo "em meter por lá" o Bento Homem, redactor do *País*. De sorte que fora necessário que ele se encrespasse com o João Franco, lhe declarasse muito secamente: — "Ou trago o Gonçalo por Vila Clara, ou me demito". Em todo o caso era necessário conservar os olhos bem abertos e bem espertos.

— Tu sabes. O João Vasco é bom rapaz, muito meu amigo, e leal. Mas há os compromissos, são as pressões. Aquela canalha de Lisboa!

O Fidalgo da Torre torcia a pêra, desconsolado. Então a coisa não estava segura?...

O outro escovando o casaco, devagar.

— Está! Pode-se dizer que está! Mas é necessário que eu não adormeça, menino! É necessário que eu não adormeça!

Enfiara o casaco, corria a escova molhada em brilhantina ¹, sobre a bigodeira esplêndida; e, depois de se remirar um momento ao espelho, voltando para o Fidalgo:

— Tudo está na minha mão, não é verdade? Nós estamos plenamente aliados, não é verdade? Então sossega, e dorme.

A criada, uma bela rapariga, de grandes formas, terna e pesada, veio anunciar o almoço.

E na sala, coberta pela parede, com retratos de avôs feíssimos, — o Cavaleiro durante o almoço deu as novidades de Lisboa. Um calor pavoroso. Estivera em Sintra, um dia. Muita poeira, fêmeação medíocre, e todos aqueles lugares idílicos, horrivelmente *encaixeirados*. Encontrara lá à porta da botica o Pinheiro, que erguera os braços ao céu, desolado: — “Então aquele Ramires não me manda o romance?”

— Diz que o primeiro número da *Revista* sai a quinze de Outubro, e ele precisa o original, pelo menos, a um ou dois. Pediu-me muito que te sacudisse. E tu devias acabar isso. Até fica bem, logo depois da eleição, aparecer um trabalho sério, histórico.

— Está quase pronto, disse o Fidalgo da Torre que se servia outra vez de arroz.

Falta o Capítulo IV, que é o último. Uma questão de dias, estando com veia. Mas ² [para] ter veia, precisava saber que a eleição está segura, perfeitamente segura.

O Cavaleiro enchia devagar o copo, teve um silêncio. Por fim:

— O João Vasco estava teimoso. E, acredita ³, tive de me encrespar com ele! Naturalmente o Bento vai ficar furioso comigo; o que me é indiferente! Algumas picuinhas no País, em estilo lorpa, não me tiram o apetite... Mas estava teimoso, o Vasco. Ainda no último dia, na secretaria, me disse, até lhe achei graça: — “Eu vejo que os candidatos por Vila Clara morrem; ora se, por esse bom costume, o teu Ramires morrer, então é o Bento, e não outro...”

O Fidalgo da Torre ⁴ recuara a cadeira!

— Se eu morrer!... Que animal!

— Oh se morreres para o círculo! acudiu o Cavaleiro rindo. Por exemplo se nos zangássemos, se rompéssemos... Se amanhã tivéssemos uma birra... Nesse caso era o Bento.

Eça de Queiroz